VÖLKERKUNDLICHE ABHANDLUNGEN · BAND I

BEITRÄGE ZUR VÖLKERKUNDE SÜDAMERIKAS

Festgabe für Herbert Baldus
zum 65. Geburtstag

1964 – Hannover
Niedersächsisches Landesmuseum
Abteilung für Völkerkunde

Kommissionsverlag
Münstermann-Druck GmbH, Hannover

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Igaçaba

Por José V. César, Posieux — Suiça

Igaçaba — «Pote de barro, de bôca larga em geral, para água ou para guardar farinha e outros gêneros; urna funerária dos indígenas. Var.: gaçaba.» Esta definição, tirada das últimas edições do Pequeno Dicionário Brasileira da Língua Portuguêsa, encontra-se mais ou menos generalizada no Brasil, aparecendo também nos dicionários de Portugal, porém sem a acepção de «urna funerária». O fato de êste segundo significado não figurar no Dicionário da Língua Portuguêsa (1813) de Antônio de Morais Silva, mostra que o sentido de urna funerária é de data recente na Língua.

Sinônimo para igaçaba temos no vocábulo *camucim*, pertencente ao patrimônio lingüístico tupi-guarani tanto antigo como moderno. *Camucim*[1]) significa igualmente talha ou pote, mas um pouco menor. Georg Friederici (1960: 124, 309) que caracteriza a igaçaba como não possuindo asa («Grosses weitbauchiges Tongefäss mit breiter Mündung ohne Henkel»), dá a ocorrência do referido acessório no camucim como facultativo: «mit oder ohne Handhabe». Stradelli define o camucim como munido de asas[2]).

Em 1663 encontramos em Simão de Vasconcellos (1865: LXXXIII) o vocábulo *igaçaba* referindo-se às urnas funerárias: «Uns os enterram em um vaso de barro, que chamam igaçaba . . .» — Stradelli (1929: 716) distingue bem entre igaçabas de uso doméstico e igaçabas de uso funerário! «Yasáua, Yataáua, Igasaba. — Grande vaso para água, geralmente em forma de ânfora e algumas vêzes de desenhos elegantíssimos. Se

---

[1]) Camucim admite uma boa dúzia de variantes gráficas na literatura tupi-guarani: cambuchi, cambuxi, camocim (de uso ainda corrente), camocy, camotim, camotîm, camuci, camucy, camusî, camussi, camuti, camutî, camutim, camuxi, kamosi, kamoti, etc.

Em Debret (1949, I: 32, 46, prancha 34) vê-se que camuci é uma panela pequena de tampa. Pode ser também nome de um rio no Ceará: «Camousi» (fl. 56) «riviere» (Rihgeb, T. 94, vol. 148, 1923—27: 24). Frei Salvador (1918: 387) diz que «Camocy» é a barra da Serra da Boapaba.

Comparar Ayrosa, 1951: 103; Barbosa, 1955: 44; Montoya, 1876: Tesoro: 87; Restivo, 1893: 517; Stradelli, 1929: 393; Costa, 1934: 84—88. Padre M. da Nobrega já dizia em carta de 12 de junho de 1561: «Vão também marmeladas de ibas, camucis, caragases para câmaras» (apud S. Leite, 1937: 210). Cf. ainda Gastão Cruls, 1955: 160.

[2]) «Pote, vasilha para água, de barro cozido, de bôca larga e bôjo grande, munida de asas, fàcilmente removível e transportável de um lugar para outro. Nas casas indígenas o pote para água é sempre obra da dona de casa, a cujo cargo está todo o fornecimento de todo o vasilhame necessário para o diário.» (Stradelli, 1929: 393.)

têm encontrado em tôda a parte, tanto no Pará como no Amazonas, vasos em forma de igasabas com restos de ossos humanos, a que também, por não se lhes saber o nome verdadeiro, se dá o nome de ygasabas.

Êstes, todavia, não devem nem podem ser confudidos com aquêles, porque a sua ornamentação, que na mór parte dos casos indica também o sexo do defunto, mostra que se trata de uma fabricação especial e não de utilização de vasos destinados para outro fim.»

Daí se conclui que no tupi moderno do Amazonas (nheẽ-gatu) não significa igaçaba necessáriamente urna funerária, e que, ao tempo de Stradelli, não havia naquela região mais vestígios de urnas funerárias tupis; as igaçabas funerárias a que êle se refere, pertencem a outras populações lá estabelecidas.

Contra a extensão semântica de urna funerária no têrmo igaçaba levantaram a voz entre outros Couto de Magalhães e Imbelloni: «. . . descobri em São Paulo um grande cemiterio indígena de onde foram extraídas algumas urnas funerárias de argila cozida, com desenho, dessas a que chamam erradamente ‹ygaçabas› (o que quer dizer vaso de água ou pote, e não urna funerária) . . . (Magalhães, 1935: 305).»

Mais incisivo se mostra Imbelloni (1950: 136): «En este sentido alcanza cimas inverosímiles el viejo arqueólogo brasileño João de Barros Rodrigues (1892), el cual creyó demonstrar su celo y erudición empleando, para describir los artefactos cerámicos de estaciones amazónicas, los términos indígenas *iucaçaua*[3]), etc. que pertenecen a la lengua del pueblo Tupi, sin preocuparse de que el material de su cosecha podia proceder del pueblo Aruak, como el mismo arqueólogo lo admitía . . . Y vease lo extraño e imprevisto: el término tupi Igaçaua (o ygaçaba que quiera escribirse), el cual significa puramente ‹pote o vaso para água›, o hydria, ha quedado desde entonces en la literatura arqueológica del Brasil a manera de color indígena — y todo lector puede encontrarlo fácilmente casi en toda página de los estimados colegas americanistas de lengua portuguesa — con el significado convencional de ‹urna funerária›, empregado, en general, a cualquier parcialidad o grupo indígena[4]).»

Através destas poucas referências vemos que o vocábulo *igaçaba* não teve de início nenhuma significação especial de urna funerária. Tal acepção de sentido tomou ùltimamente foros de cidadania entre os antropólogos brasileiros pelo fato de se dedicar grande interêsse a êsses vasos de barro como servindo de sepulturas entre os índios.

Etimologia de igaçaba

Etimològicamente prende-se a palavra *igaçaba* ao radical tupi-guarani «y» mais a partícula participial «açab», significando literalmente «que contém, recebe água ou líquido em geral». «Y» cuja pronúncia corresponde a um «i» gutural muito peculiar ao grupo lingüístico tupi-guarani, quer dizer água, líquido, fluido. Em se tratando de

---

[3]) Grafia atestada também por F. Barata (1952: 49): «iukaçauas».

[4]) Imbelloni prossegue fustigando o nativismo dos pesquisadores brasileiros: «En realidad, si yo fuera ciudadano de la noble nación vicina — lo que tendría en gran honor — más de que los términos artificiosamente tupinizados que se atribuyen a vasijas e urnas, me enorgullecería pensando que en el territorio brasileño han florecido antaño vigorosos transplantes de la más alta manufactura artística del continente» (143).

fonema estranho às línguas européias, sua representação gráfica passou sempre por muitas vacilações sem ter conseguido até o presente uma escrita única e definitiva[5]).

Nogueira et Montoya (1879: 27, 199) decompõem o têrmo igaçaba assim: «ĭgá + hab = ĭgaçab = ĭaçab s. vaso dágua, pote, tina (receptor ou condutor dágua, vê part. ahab) vê cambuchi, ĭrĭru; ao assucareiro também chamavam ĭgahá e eirahá sendo o último preferível.» Sôbre a partícula ou particípio *ahab* (= çab, (s)ab, (s)ab-a em tupi) vejam-se os acurados estudos de Lemos Barbosa (1956: 277—287). Tendo em vista as pesquisas citadas e, em quanto e até onde se pode aventar etimologias em tupi-guarani, é razoável concluir que igaçaba significa etimològicamente meio, instrumento para receber ou carregar água e líquidos em geral, isto é «yg» (água) mais «açaba» (contendo).

Variantes gráficas de igaçaba

Para melhor inteligência do vocábulo igaçaba examinemos ainda algumas de suas variantes na literatura tupi-guarani. Em guarani: — *ygahab, ygaçab, yaçab, ygahab* (açucareiro!), *yaçá, yguâba*. Tupi Antigo: — *ygaçaba* (língua geral), *yguaçaba* (menos freqüente). Tupi Amazônico: — *yasaua, yataua, ygaçaba, ygaçaua, ygaçauo* (Orinoco). O Guarani Moderno parece não conhecer expressão cujo radical corresponda à igaçaba. Existe, por exemplo, *yguá* = fonte de água para aves. Para vaso em geral averbam os dicionários *yaüujá* cuja correlação com o modêlo igaçaba é de difícil cotêjo.

No dizer de Nimuendajú (apud Hilbert, 1958: 11) denominam os índios Mundurucus a urnas funerárias encontradas em seu território *pariwat-ti-a* = panela (urna) de gente (índios) alheia ou de índios estranhos. Compare Lucien Adam (1896: 108) e Friederici (1960: 309). Os Parintintins designam as igaçabas com o vocábulo tupi *nyaepe-pó* (= pote) formada de *nyaé* (= barro), correspondendo provàvelmente aos *gnaëssin* e *gnaëpepo* de Abbeville (1945: 226). Sem dúvida temos aí o radical *ñaẽũ* encontradiço em Montoya (1876, Tesoro: 241), significando barro negro de louça.

Ainda no comêço dêste século denominavam os Chiriguanos suas urnas funerárias de *yambúi*, sendo o vocábulo todavia pouco conhecido na literatura. (Cf. Nino, 1912: 292.)

As tribos guaranis do Alto Paraná distinguiram-se como grandes oleiros. De Mayntzhusen (1912: 465) temos uma terminologia para distinguir diversas formas de panelas. O têrmo igaçaba não consta; grande urna chama-se *cambuche*, outra forma de camucim.

Inácio Schmitz (1959: 277ss) propõe uma terminologia sobre cerâmica indígena em que as igaçabas deveriam ser urnas maiores de pelos menos 35 cm de altura.

---

[5]) Ao lado de «y» encontramos também «i», «î», «yg», «ig», «ü», etc. Antenor Nascentes em seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa (Tomo II; Rio de Janeiro, 1952) representa o «i» gutural tupi-guarani por «ü», o que levaria a crer possuir o referido fonema som parecido com seus congêneres em alemão ou francês. O que se passa todavia é exatamente o contrário, como observa com perspicácia Lemos Barbosa (1956: 29): «obtém-se, aproximadamente o som do 'y', dispondo os lábios para pronunciar 'i', mas tentando pronunciar 'u'». Por êstes e outros senões (v. g. adopção da transcrição arbitrária e pouco científica de Tastevin) saiu muito prejudicado o dicionário do perseverante filólogo carioca. A respeito de suas investidas contra os estudiosos do Tupi consulte A. Lemos Barbosa (1956: 16—24). — Ver também Stradelli, 1929: 12—14.

Concluindo, verifica-se que *igaçaba* é vocábulo de origem tupi-guarani, cujo significado primordial designa simplesmente uma talha ou vaso para água e outros líquidos. Como as mesmas igaçabas de uso doméstico fossem também empregadas no sepultamento dos mortos, passaram elas a ser consideradas, principalmente entre os círculos não indígenas, como urnas funerárias, e com muita razão, porquanto é neste sentido que mais interessam aos cientistas. Errado seria dizer que igaçaba signifique exclusivamente urna funerária, como ainda mais errôneo seria insistir que igaçaba nada tem a ver com as urnas funerárias dos Tupi-Guaranis. O certo todavia é que igaçaba significa uma e outra coisa. As palavras têm suas histórias e passam por contínuas transformações, evoluindo-se com o tempo e adaptando-se às necessidades dos povos. A realidade está aí: igaçaba, de sonoridade muito a gôsto dos ouvidos brasileiros, indica cada vez mais as urnas funerárias dos índios do Brasil, difundindo-se tanto nos meios populares como científicos.

BIBLIOGRAFIA

ABBEVILLE, P. CLAUDE D'
1945 História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas, etc. São Paulo.

ADAM, LUCIEN
1896 Matériaux pour servir à l'établissement d'une Grammaire Comparée des dialectes de la famille Tupi. Paris.

AYROSA, PLINIO
1951 Vocabulário Português-Brasílico. — Ms. Anônimo séc. 18. São Paulo.

BARATA, FREDERICO
1952 In Artes Plásticas no Brasil, I. Rio de Janeiro.

BARBOSA, P. ANTONIO LEMOS
1955 Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro. (Impresso em S. Paulo.)
1956 Curso de Tupi Antigo. São Paulo.

COSTA, ANGYONE
1934 Introdução à Arqueologia Brasileira (Etnogr. e Hist.). São Paulo.

CRULS, GASTÃO
1955 Hiléia Amazônica. São Paulo.

DEBRET, JEAN-BAPTISTE
1949 Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, I. São Paulo.

FRIEDERICI, GEORG
1960 Amerikanistisches Wörterbuch und Hilfswörterbuch für den Amerikanisten. — 2. ed. — Hamburg.

HILBERT, PETER PAUL
1958 «Urnas Funerárias do Rio Cururu, Alto Tapajós». In «Bol. do Museu Paraense E. Goeldi», Antrop. 6. Agôsto de 1958. — Belém do Pará.

IMBELLONI, JOSE
1950 «La Extraña Terracota de Rurrenabaque (Noroeste de Bolivia) en la Arqueología de Sudamérica». In rev. Runa, III (1950) pp. 84—109. — Buenos Aires.

LEITE, P. SERAFIM
1937 Páginas de História do Brasil. São Paulo.

MAGALHÃES, GENERAL COUTO DE
1935 O Selvagem. 3. ed. completa. — São Paulo.

MAYNTZHUSEN, F. C.
1912 «Über vorkolumbianische Siedlungen und Urnenfriedhöfe». Actas del XVII. Congr. Intern. de Americanistas, pp. 459—469. — Buenos Aires.

MONTOYA, P. ANTONIO RUIZ DE
1876 Arte de la lengua Guarani: I e II: Vocab. y Tesoro. Viena—Paris.
NINO, P. FR. BERNARDINO DE
1912 Etnografía Chiriguana. La Paz.
NOGUEIRA et MONTOYA, BAPTISTA C. DE ALMEIDA e P. A. RUIZ DE
1879 Vocabulario das Palavras Guaranis Usadas pelo Traductor da «Conquista Espiritual». — Rio de Janeiro.
RESTIVO, PADRE PAULO
1893 Vocabulario de la lengua Guarani. Stuttgardiae.
RIHGEB = Revista (Trimestral) do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. — Rio de Janeiro.
SALVADOR, FREI VICENTE DO
1918 História do Brasil. São Paulo.
SCHMITZ, INACIO
1959 «A cerâmica guarani da Ilha de Santa Catarina e a cerâmica da Base Aérea». In rev. Pesquisas, III (1959) pp. 267—324. — Pôrto Alegre.
STRADELLI, CONDE ERMANO
1929 Vocabularios da lingua geral, etc. In RIHGEB, T. 104, vol. 158. — Rio de Janeiro.
VASCONCELLOS, SIMÃO DE
1865 Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil... Lisboa.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org